

O GÊNERO INSTRUÇÃO DE USO ENQUANTO OBJETO DE ENSINO*

Wagner Rodrigues Silva (Universidade Estadual de Campinas – CAPES)
wagnerrodriguesilva@yahoo.com

ABSTRACT: *Considering the necessity of developing a descriptive analysis of textual genres created by the National Program Parameters to the Portuguese Language teaching, this paper analyzes the text structure of the use instruction in labels.*

KEYWORDS: *Genre; text; teaching.*

0. Introdução

Atendendo à necessidade de análise descritiva de diversos gêneros textuais criada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental I e II (doravante PCN) ao propor a contemplação da diversidade de *textos* e *gêneros* no ensino de língua materna (PCN, 1997; 1998), este trabalho objetiva analisar a estrutura textual do gênero *instrução de uso* inserido em rótulos. Nossas análises estão fundamentadas nos pressupostos teóricos do funcionalismo sistêmico (Halliday & Hasan, 1991; Eggins, 1994).

A investigação realizada configura-se pelo exame de aspectos formais e funcionais característicos do texto das instruções de uso. Foram selecionadas para este trabalho duas instruções de uso representativas de um corpus composto por 70 rótulos de diversos produtos. Salientamos que utilizamos como fonte de dado complementar uma entrevista gravada com o diretor da *Industria Brasileira de Rótulos – IBR*.

1. Fundamentação teórica

De acordo com os pressupostos do funcionalismo, concebemos a língua como um sistema semiótico complexo em constante (re)elaboração nas atividades de interação. Nesse sentido, o texto, produto da interação entre sujeitos, indexa aspectos caracterizadores do *contexto situacional* (Halliday & Hasan, 1991) em que ocorre a interação. Marcas da relação estabelecida entre os interlocutores, do conteúdo tematizado e da modalidade textual são aspectos do contexto situacional que emergem na materialidade textual. Salientamos que, tradicionalmente, a literatura lingüística vem chamando essa estrutura esquemática abstrata de *registro* (Halliday & Hasan, 1991).

Para explicar como o usuário da língua organiza sua produção textual no intuito de produzir significado, o funcionalismo se utiliza da noção de *contexto cultural* (Halliday & Hasan, 1991), o qual localiza-se num patamar mais abstrato que o contexto situacional. O contexto cultural é responsável pelas ativida-

des sociais reconhecíveis em nossa cultura, atividades essas que podemos denominar de gêneros. Dado o exposto, concordamos com Eggins (1994:31) ao afirmar que “nós realizamos nossa dedução textual interpretando a língua de uma forma que faz sentido com nossa cultura e, fazendo isso, o que nós deduzimos é o gênero do texto: o tipo de enquadre, propósito da atividade que pretende-se alcançar”.

Esses “eventos lingüísticos”, “entidades”, “formas de ação social”, “modelos comunicativos” ou “atividades sócio-discursivas”, só para citar algumas formas de retomada da nomenclatura gêneros textuais por Marcuschi, (2002), estão sendo concebidos, neste trabalho, como modelos semióticos relativamente estáveis e convencionalmente aceitos pelos usuários da língua para atingir diferentes propósitos. Destacamos, de acordo com Marcuschi (2002:21), que “os gêneros textuais não se caracterizam nem se definem por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais”, o que, segundo o autor, não significa o desprezo da forma. Nessa perspectiva, ainda fundamentados em Marcuschi (2002:22), acrescentamos que os gêneros ganham forma através dos tipos textuais, que, por sua vez, são definidos como “uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Abrangem meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção”.

Considerando essas colocações preliminares, enfatizamos que uma análise funcional da materialidade textual, subentendendo-se a abordagem de aspectos lexico-gramaticais ou da organização macro-estrutural do texto, vincula-se à abordagem do que estamos compreendendo por gêneros textuais. Haja vista que as escolhas e organização dos elementos lingüísticos do texto possuem uma funcionalidade comunicativa que só é alcançada por intermédio de sua corporificação pelos gêneros textuais (cf. Marcuschi, 2002:24).

2. Análise dos dados

Estamos concebendo as instruções de uso como modelos semióticos relativamente estáveis de enunciados formados, essencialmente, segundo a abordagem textual aqui adotada, por elementos lingüísticos característicos da tipologia textual *injuntiva*, no dizer de Marcuschi (2002:22) e, no dizer de Wray & Lewis (1998), *procedural* ou *instrucional*. Esses últimos estudiosos, num texto em língua inglesa em que discutem diferentes estratégias metodológicas de otimização da produção escrita de diferentes gêneros por alunos, expõem um modelo padrão de apresentação dos textos instrucionais formado pelas seguintes partes: (i) uma declaração do que será descrito ou realizado; (ii) uma lista dos materiais ou instrumentos necessários para o desenvolvimento das ações; (iii) uma série de instruções seqüenciadas; e (iv) um diagrama ou ilustração. No tocante às marcas lingüísticas características desses textos, que também são aplicáveis a textos instrucionais em língua portuguesa, Wray & Lewis (1998) mencionam as seguintes: uso de verbos no presente simples e no modo imperativo; seqüências instrucionais cronologicamente distribuídas; foco num agente humano genérico, em oposição a um agente individual; usos de sentenças que expressam ação.

As instruções de uso, de acordo com nossas análises, possuem uma unidade funcional, que é orientar o uso do produto pelo consumidor, e quatro subfunções temáticas textualmente marcadas, a saber:

1. advertir o leitor-consumidor em relação às medidas de conservação do produto;
2. advertir o leitor-consumidor em relação às precauções a serem tomadas ao manusear o produto para evitar acidentes que causem dano ao corpo ou estrago em roupas, em utensílios ou no próprio produto manuseado;
3. informar ao leitor-consumidor as medidas que devem ser tomadas em caso de ocorrência de acidente devido ao uso inadequado do produto;
4. explicar ao leitor-consumidor como manusear ou preparar o produto para o consumo.

Para ilustrar esses aspectos formais e funcionais caracterizadores das instruções de uso, observemos o rótulo do cartucho *Helios Carbex* em anexo.

Como podemos observar, a estrutura textual da instrução de uso do cartucho *Helios Carbex* é formada por uma série de instruções seqüenciadas constituindo um único bloco textual identificado pelo título *Precauções*, seguido do subtítulo *Atenção*. Outros aspectos formais responsáveis pela classificação desse texto como pertencente ao gênero instrução de uso são os destaques em negrito e a marcação de cada instrução seqüenciada com pequenas bolinhas. Destacamos que esses aspectos formais característicos do gênero instrução de uso, que, inclusive, auxiliam no reconhecimento do gênero pelo leitor, são denominados, de acordo com Cunha (2002:64), como elementos *metagenéricos*. Também podemos mencionar algumas marcas lingüísticas, nesse texto, constitutivas da tipologia injuntiva, como os usos de verbos dinâmicos no modo imperativo expressando ações a serem executadas pelo usuário e de estruturas temporais, como *soamente quando for efetuar a troca*, na segunda instrução, *antes de efetuar a troca do cartucho*, na terceira instrução, e *após a troca*, na quarta instrução.

No tocante às subfunções desempenhadas pela instrução de uso do cartucho *Helios Carbex*, podemos observar que as quatro subfunções anteriormente mencionadas são textualmente marcadas nas instruções seqüenciadas. As quatro primeiras instruções seqüenciadas expressam a subfunção quatro, *explicam ao leitor-consumidor como manusear ou preparar o produto para o consumo*, enquanto que as duas instruções seqüenciadas seguintes, quinta e sexta, expressam a subfunção dois, *adverte o leitor-consumidor em relação às precauções a serem tomadas para evitar acidentes*. A sétima instrução expressa a primeira subfunção, *adverte o leitor-consumidor em relação às medidas de conservação do produto* e, por fim, as três últimas instruções expressam a subfunção três, *informam ao leitor-consumidor as medidas que devem ser tomadas em caso de ocorrência de acidente devido ao uso inadequado do produto*.

No intuito de observarmos alguns fatores que desencadeiam instabilidade na forma de apresentação da estrutura textual do gênero em análise, atentemos para a instrução de uso no rótulo do *Nacional Gás* seguinte:

Nacional Gás

NACIONAL GÁS
O GÁS DO BRASIL **BRASILGÁS**

A NACIONAL GÁS RECOMENDA
Só compre gás de entregadores autorizados. Do contrário você pode estar sendo enganado na quantidade, na qualidade e na segurança.

FIQUE ATENTO
Todo botijão deve trazer lacre sobre a válvula com marca da Nacional Gás. Recuse botijões sem lacre, com lacre sem marca ou com lacre violado (lacre quebrado ou solto). Recuse botijões avariados ou enferrujados.

Assistência Técnica Gratuita para o Botijão

Recife: 0800-813.813
Suape: (81) 527.1055
Cabedelo: 0800-83.2898

Campina Grande: 0800-83.3132
Natal: 0800-84.2005
Guararã: (84) 521.1527

Peso Líquido
13 kg
Composição:
Propano e Butano

Cuidado!
Gás é inflamável.

PARA A SUA SEGURANÇA

- Procure sempre manter o botijão em local ventilado e na posição vertical.
- Use somente mangueiras e reguladores de gás (registro) aprovados pelo INMETRO que tenham gravados a marca NBR. Comprimento máximo da mangueira: 50cm.
- Respeite o prazo de validade das mangueiras dos reguladores (5 anos).
- Não use ferramenta para trocar o botijão e certifique-se de que não haja fonte de calor próxima do local.
- Verifique sempre se há vazamentos. Use apenas espuma de sabão.
- Não emende a mangueira nem passe-a atrás do forno e use sempre o regulador de gás.
- Nunca use fogareiros, lâmpadas, etc, diretamente sobre este botijão.
- Feche o registro após o uso.

VAZAMENTOS

Ao sentir cheiro de gás não acenda fósforos ou isqueiros. Não fume. Não acione o interruptor de luz. Abra portas e janelas, leve o botijão para local ventilado e chame a assistência técnica do seu fornecedor de gás.

Marcas de uso: Butano, Paragás, Alagoasgás, Fortgás, Recifegás, Sergipegás e Solgás.

Para sua segurança, retire este rótulo do botijão e guarde-o para eventuais reclamações.

Diferentemente da instrução de uso no rótulo do cartucho *Helios Carbox*, a instrução de uso do *Nacional Gás* apresenta-se configurada em quatro blocos de instruções seqüenciadas distribuídos ao longo do rótulo. Cada bloco funciona como se fosse um parágrafo, pois cada um apresenta uma unidade semântica desempenhando uma determinada subfunção constitutiva do gênero. Ressaltamos que apenas as instruções do terceiro bloco são marcadas com pequenas bolinhas e distribuídas seqüencialmente uma abaixo da outra. Em relação as marcas lingüísticas características da tipologia injuntiva, além das que mencionamos na análise da instrução de uso anterior, destacamos o uso de verbos modais *epistêmicos* e *deônticos*¹, como podemos ver na seguinte instrução do primeiro bloco, *Do contrário você pode estar sendo enganado na qualidade e na segurança*, e na seguinte instrução do segundo bloco, *Todo botijão deve trazer lacre sobre a válvula com a marca Nacional Gás*, respectivamente. Acrescenta-

mos que outros rótulos de gás seguem esse mesmo modelo, havendo mudanças apenas nas escolhas léxico-gramaticais.

No tocante às subfunções desempenhadas pela instrução de uso, esclarecemos que o primeiro bloco, intitulado *A nacional gás recomenda*, desempenha a subfunção número dois, *adverte o leitor-consumidor em relação às precauções a serem tomadas para evitar acidentes que causem dano ao corpo ou estrago em utensílios ou no próprio produto manuseado*. O segundo bloco de instruções, intitulado *Fique atento*, desempenha a subfunção número um, *adverte o leitor-consumidor em relação às medidas de conservação do produto*. O terceiro bloco, intitulado *Para a sua segurança*, desempenha as subfunções um, dois e quatro, enquanto que o último bloco, intitulado *Vazamentos*, desempenha a subfunção número três, *informa ao leitor-consumidor as medidas que devem ser tomadas em caso de ocorrência de acidente devido ao uso inadequado do produto*.

Realizada uma análise geral das duas instruções de uso exemplificadas, podemos afirmar que a tipologia injuntiva é um dos principais fatores responsáveis pela estabilidade composicional das instruções de uso, pois a seleção dos elementos lingüísticos característicos da tipologia permite manter uma estabilidade mínima na estrutura textual do gênero. Um outro fator responsável pela estabilidade composicional dos textos da instrução de uso corresponde às regulamentações legais referentes às informações que devem constar nos rótulos de produtos. Os fragmentos da entrevista abaixo, que realizamos com o diretor da Indústria Brasileira de Rótulos – IBR, corrobora a análise (*B* corresponde ao informante e *W* corresponde ao entrevistador):

100. *B: (...) As informações, geralmente, você tem as informações do ministério, aquele negócio todo, então algumas informações não precisa você ter um critério, assim, muito rigoroso, basta que elas estejam lá informando, porque, geralmente, é mais pro consumidor. (...) então não há uma exigência, vamos dizer assim, quanto ao local, se tem que ter uma tarja preta ou vermelha, enfim, no caso de produtos químicos, você já vai ter uma nomenclatura que você tem que usar. (...)*

103. *W: Quem é que elabora?*

104. *B: Pode ser a própria empresa. Só que isso aí você tem que haver, dependendo do produto, remeter ao órgão competente lá pra ver se tá de acordo e tal e aprovar. Ou, quando não, ele já te dá mais ou menos um roteirinho de como você tem que fazer aquilo lá, e fica a seu critério ali uma adaptação ou outra, sem fugir do principal. (...)*

122. *B: Olha, há rigor sim, há pelo seguinte, porque você tem que ter muito cuidado com o texto. Quer dizer, não há assim como nós estamos falando aqui e tal, mas imagina você se eu coloco uma palavra “não use”, se eu esqueço o “não”, por exemplo. Use ele como. Cê tá entendendo, então, precisa ter um, a pessoa que vai elaborar isso aqui, geralmente, é o técnico, ou de farmácia ou engenheiro de alimentos, é uma pessoa competente lá que vai ter que tomar o maior cuidado com isso aí, tal. Dependendo, às vezes, no*

caso do frigorífico, você manda esse rótulo pra lá pra ver se vai ser aprovado, se não vai, tá tudo ok, essas coisas cê tem que seguir, houve exigência legal cê tem que seguir. (...)

280. B: *Eu não conheço isso aqui, provavelmente, já é aquele mercado de segunda linha, que é chamado, então ele já existe uma cópia do de primeira linha, (...) então, às vezes, são empresas de segunda linha que ela copia, ela pega daqui e joga pra cá, né. (...)*

Os turnos da entrevista informa-nos que, geralmente, os rótulos chegam à IBR elaborados, cabendo-lhe apenas a função de produzi-los. No que concerne ao responsável pelo *desenvolvimento*² do produto, várias instâncias são agenciadas na elaboração dos rótulos e, conseqüentemente, das instruções de uso, como o ministério responsável pela fiscalização do produto, o técnico de farmácia, o engenheiro de alimentos e, como podemos observar num outro momento não transcrito da entrevista acima, o publicitário. O texto legal que regulamenta as instruções de uso necessárias nos rótulos exerce um forte controle sobre o gênero, ao passo que os publicitários tentam utilizar a criatividade para apresentar todas as informações legais de forma que o produto apresente-se vendável, o que nos faz concebê-los como responsáveis por forças desestabilizadoras exercidas sobre a estrutura textual do gênero. Também destacamos que a cópia do rótulo de um produto de primeira linha por uma empresa de produtos de segunda linha, como é mencionada no turno 280, é uma forma de estabilizar o enquadre característico das instruções de uso.

Ainda no tocante a estabilização na organização da estrutura do texto das instruções, acrescentamos, de acordo com Bhatia (1993:32), que essa estrutura textual corresponde à estrutura cognitiva que os profissionais responsáveis pela elaboração dos gêneros possuem em mente. Em outras palavras, essas estruturas funcionam como espécies de modelos mentais padronizados ou convencionados, que são acionados no momento da produção textual.

As instruções de uso também sofrem adaptações em sua estrutura textual de acordo com o rótulo³ em que estão inseridas. A instrução de uso, no rótulo do cartucho *Helios Carbex*, divide espaço com duas instruções de uso em língua espanhola e inglesa e com outros gêneros como a *composição*, o *conteúdo do cartucho*, o *código de barra*. Os destaques gráficos no texto deste gênero seguem a padronização do rótulo, ou seja, encontramos elementos gráficos comuns a ambos os gêneros, instrução de uso e rótulo. Quanto à instrução de uso do *Nacional Gás*, considerando sua disposição ao longo do rótulo, seleção das cores e formas gráficas de destaque, percebemos uma espécie de fusão dos gêneros. A forma de destaque dos subtítulos da instrução de uso, que correspondem ao que Wray e Lewis (1998) denominam de declaração do que será descrito ou realizado, por exemplo, tem uma funcionalidade não apenas na construção composicional da instrução de uso, mas na construção composicional do próprio rótulo.

A disposição das instruções de uso nas embalagens dos produtos também influencia a forma de apresentação do gênero no rótulo. A localização da instrução de uso do cartucho *Helios Carbex*, na parte de trás da caixa de papelão protetora do produto, permite a apresentação do gênero de forma pouco rebuscada, diferentemente da forma de apresentação mais elaborada da instrução de uso do *Nacional Gás* no plástico rotulador do produto. Por fim, destacamos que o

próprio produto rotulado dita uma série de fatores a serem considerados na elaboração das instruções de uso, como a temática do gênero, que, por sua vez, desencadeia algumas seleções lingüísticas.

3. Considerações finais

Chamamos a atenção para o trabalho com as instruções de uso no âmbito escolar, mesmo que tal contemplação, nas aulas de Língua Portuguesa, só tenha sido sugerida pelos PCN do Ensino Fundamental I. A abordagem da organização da estrutura textual das instruções de uso pode ser explorada, por exemplo, como um aspecto a ser trabalhado nas atividades de leitura, pois, como vimos anteriormente, ao fazermos referência a Cunha (2002), a disposição textual funciona como um elemento metagenérico.

Também gostaríamos de destacar que, apesar de seu estatuto de texto legal, diversos fatores agem sobre a estrutura textual das instruções de uso como forças que desestabilizam os modelos de instrução de uso que são criados constantemente nas atividades de uso da linguagem. Para tanto, lembramos que, nas atividades com gêneros utilitários na sala de aula, o professor precisa estar atento para não legitimar ou prescrever formas fixas de um dado gênero, pois, como afirmou Signorini (2001:130), a noção de gênero não comporta *congelamento*, ainda que a escola reduza a “noção de gênero para a de texto na equação função/modelo de texto, o que pode explicar o caráter icônico que adquirem os modelos estabilizados e autorizados da escrita institucional”.

ANEXO

Cartucho Helios Carbex

PRECAUÇÕES / PRECAUCIONES / CAUTIONS

ATENÇÃO

- **CUIDADO:** Retire apenas o tampo da parte superior do cartucho.
- Retire o cartucho da embalagem somente quando for efetuar a troca.
- Consulte o manual da impressora antes de efetuar a troca do cartucho.
- Após a troca, efetue a limpeza da cabeça de impressão conforme descrito no manual da impressora. Persistindo alguma falha, repita a operação.
- Não desmonte o cartucho.
- Manuseie fora do alcance das crianças.
- Armazene em temperatura entre 15 a 35°C.
- Em caso de ingestão de tinta, não induza ao vômito e consulte um médico.
- Em caso de contato da tinta com os olhos, lave-os em água corrente. Persistindo a irritação, consulte um médico.
- Em caso de contato da tinta com a pele, lave com água e sabão.

Composição: Cartucho plástico com tinta à base d'água, éter glicol e corantes.

Conteúdo do cartucho:
13ml de tinta ciano, 13ml de tinta magenta e 13ml de tinta amarela.

ATENCIÓN

- **CUIDADO:** Quite solamente el tampo de la parte superior del cartucho.
- Consulte el manual de la impresora antes de hacer el cambio de cartucho.
- Almacénelo fuera del alcance de los niños.
- Almacénelo en temperatura entre 15 y 35°C.

ATTENTION

- **CAUTION:** Remove only the cap from the upper part of cartridge.
- Refer to printing manual prior to changing the cartridge.
- Keep out of reach of children.
- Store in temperature between 15 and 35°C.

*A tinta do cartucho é apenas tintante. O produto usado sobe através da pele e pelos olhos.

CART. S020191 (6647-3)
VAL: OUT 2004 L: 186473

7 896297 808824

ISO 9000

SAC 0800 701 1922
sac@helios-carbex.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHATIA, Vijay. *Analysing genre: language use in professional settings*. London and New York: Longman, 1993.
- CUNHA, Doris de Arruda C. da. A noção de gênero: dificuldades e evidências. In: *Leitura: teoria & prática*. Porto Alegre: Mercado Aberto. n.º 39 p. 60-64, 2002.
- EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. Londres: Pinter Publishers, 1994.
- HALLIDAY, Michael. & HASAN, Ruqaiya. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definições e funcionamento. In: Angela Dionísio; Anna R. Machado & Maria A. Bezerra. (orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 19-36. 2002
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ensino Fundamental I. Brasília: MEC, 1997.
- PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ensino Fundamental II. Brasília: MEC, 1998.
- SIGNORINI, Inês. Construindo com a escrita “outras cenas de fala”. In: Inês Signorini (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Capinas/SP: Mercado de Letras. p. 97-134, 2001.
- WRAY, David. & LEWIS, Maureen. *An approach to factual writing*. www.readingonline.org, 1998. (30/09/2002)

NOTAS

* Este trabalho contribui para o projeto de pesquisa integrado “Práticas de escrita e de reflexão sobre a escrita em contextos de ensino” (CNPq n.º 520427/2002-5).

¹ Esclarecemos que concebemos as modalidades *epistêmica* e *deôntica* como modalidades ligadas ao conhecimento e ao dever, respectivamente (cf. Neves, 2000:62).

² Segundo o diretor da IBR, num outro momento da entrevista, essa é a nomenclatura usada no ramo publicitário para fazer referência à elaboração ou criação de rótulos.

³ Esclarecemos que estamos concebendo os rótulos como gêneros textuais complexos, pois acomodam outros gêneros em sua estrutura textual, como, por exemplo, tabelas nutricionais, receitas culinárias e, claro, instruções de uso, que devido a sua simplicidade composicional, estamos caracterizando como gêneros simples.